



---

## O FILME "PASSION" DE MEL GIBSON DIANTE DA LITERATURA BÍBLICA E DOS DADOS HISTÓRICOS DISPONÍVEIS

Rev. Ms. Humberto Maiztegui Gonçalves

### **Uma crítica a partir da literatura bíblica e dos dados históricos**

O filme "Passion" de Mel Gibson, como todos os outros filmes sobre a figura de Jesus Cristo tem suscitado os mais diversos tipos de crítica. Do lado do judaísmo veio a maior oposição, acusando-o de tendência anti-semita, o que teve uma fraca e ambígua concordância de algumas igrejas que, por um lado, assinalaram que a obra refletiria, em boa parte, o que teria acontecido de fato e a magnitude teológica do sacrifício de Jesus Cristo em favor da humanidade.

Por outro lado, mesmo nos posicionamentos eclesiásticos, tem se sentido a falta de uma crítica menos emocional e mais específica. O filme, como toda obra de arte, tem a liberdade de relacionar-se da forma que melhor entender com suas fontes e com seu público. No entanto, entre as críticas geradas pelo filme, há quem diga ser ele de corte "fundamentalista" (levando os textos bíblicos ao pé da letra), ou refletir a paixão de Cristo conforme o Evangelho segundo Mateus, ou representar o que provavelmente aconteceu do ponto de vista histórico. O objetivo desta crítica é avaliar ao mesmo tempo o filme e as críticas, não do ponto de vista artístico, mas da sua relação com as fontes escriturísticas e históricas.

Ao contrário de alguns setores mais conservadores do cristianismo e do judaísmo entendemos que toda obra de arte contribui, de uma forma ou outra, com o que a humanidade sente e compreende sobre si mesma e sobre seu passado (história). O filme "Passion" provocou a constante busca de informação por parte da população em geral a respeito de seu tema, ao que este artigo vem se somar partindo da pesquisa histórico-crítica da Bíblia.

### **Isaias 53 como anúncio da paixão**

O filme começa com uma citação do capítulo 53 do livro do profeta Isaías, buscando desenhar a paixão de Jesus Cristo como cumprimento de anúncio profético. Junto à citação aparece a data de 700 a.C. como a época em que esta profecia teria sido formulada.



O livro do profeta Isaías divide-se em três partes claramente diferenciadas pela crítica histórica da Bíblia desde, pelo menos, meados do século XX<sup>1</sup>. A primeira vai do capítulo 1 ao 39 e reúne as profecias do que poderíamos chamar de "*Isaías histórico*", que atuou alguns anos antes do cerco assírio a Jerusalém até 701 a.C. A segunda parte é chamada pela crítica de "*Livro da Consolação de Israel*" por causa do primeiro versículo do capítulo 40: "*Consolai, consolai o meu povo...*". O Dêutero-Isaías (capítulos 40 a 55) corresponde a uma época bem posterior ao "*Isaías histórico*" nos últimos anos do exílio babilônico quando se vislumbrava a vitória do poder persa sobre o estado babilônico, sob o comando do Rei Ciro que, em Is 45.1, é chamado de "*meshihô*" ("*o seu messias*"). Portanto, a segunda parte corresponde aos últimos anos do exílio dos judeus na Babilônia, próxima ao ano 538 a.C. quando o Rei Ciro decretara a volta dos exilados e a restituição dos bens retirados do Templo de Jerusalém pelos babilônicos em 587 a.C. (cf. Esd 1:2-5). A terceira e última parte, que pode ter sido escrita pelo mesmo grupo que a anterior, corresponde aos primeiros anos após o retorno dos exilados, desenhando sua utopia de uma Jerusalém redimida e recriada em plena felicidade (cf. Is 62, entre outros textos).

O texto que abre o filme "*Passion*", Isaías 53, corresponde então ao Dêutero-Isaías (próximo a 538 a.C.) e não ao Isaías histórico (por volta de 700 a.C.). O texto faz parte de um tipo de textos poéticos bem característicos chamados "*Cantos do Servo Sofredor*" (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Nestes textos se descrevem os sofrimentos de um "*servo*" (em hebraico "*havedy*"), cuja identidade é bastante indefinida, podendo ser todo o povo (antes sofredor no exílio e agora redimido), o Rei Joaquim (último rei legítimo cf. 2 Rs 24,8-17) tratado duramente com prisioneiro durante o reinado de Nabucodonosor e depois tratado com dignidade pelo seu sucessor Awil-Marduk. (Cf. 2 Rs 24,27-30), o Isaías histórico (do qual a comunidade do Dêutero-Isaías é discípula) submetido à incompreensão durante anos e cuja profecia agora demonstrava-se verdadeira ou ainda a um messias utópico e indefinido (o que parece menos provável para a época)<sup>2</sup>.

No entanto, desde os primeiros tempos do cristianismo, os seguidores e seguidoras de Jesus viram nos cantos do servo sofredor um prenúncio do sacrifício vicário de Cristo (cf. At 8,26-40). Essa apropriação dos Cantos do Servo Sofredor é, do ponto de vista religioso, totalmente válida, pois permanece para a fé como chave hermenêutica, isto é, como critério de interpretação do messianismo em si, do qual Jesus Cristo é um claro representante. O que pode ser questionado, do ponto de vista histórico-crítico, é pretender que o Dêutero-Isaías estivesse falando diretamente de Jesus Cristo quando, para esta comunidade, o messias era mesmo o Rei Ciro da Pérsia.

<sup>1</sup> R.B. Y. SCOTT et.all – *The Book of Isaiah (Interpreters Bible, p.149 – 773)*

<sup>2</sup> J. STEINMANN – *O livro da Consolação de Israel, p. 124-132.*



Enfim, a referência que abre o filme é, para nós teologicamente válida, mas historicamente incorreta. A fonte não pode ter sido então nenhum comentário exegético, mas o imaginário cristão conservador ou fundamentalista.

### Judas

A figura de Judas sempre despertou a curiosidade das pessoas que interpretaram de diferentes pontos de vista o conjunto de seguidores e seguidoras de Jesus e sua prisão e morte. O filme, nas suas primeiras cenas, apresenta Judas diante das autoridades judaicas de Jerusalém, recebendo um pagamento para entregar Jesus. A reunião é ao ar livre onde as moedas são jogadas e, em parte, acabam caindo no chão. O ato de jogar as moedas, a distância entre Judas e as autoridades de Jerusalém e a atitude de Judas ao se abaixar para juntar as moedas geram a idéia de um traidor instável, de personalidade fraca. Judas passa todo o filme fugindo de Jesus e mesmo assim acaba se encontrando com ele passando a idéia de que sempre estivesse afastado do resto dos discípulos. Contudo, no Evangelho de Marcos, quando se relata o momento da traição se diz: “*Judas, um dos Doze*” (Mc 14,43a). No final há uma expressão de arrependimento quando ele joga de volta as moedas e nada mais aparece sobre o que as autoridades judaicas teriam feito com elas.

Os Evangelhos em geral dizem pouco sobre a pessoa de Judas. O seu sobrenome “*Iscariotes*” poderia ser uma referência aos “*sicários*”<sup>3</sup>, um grupo de resistência contra a ocupação romana na Palestina. O grupo dos “*sicários*”, sempre no plural, aparece em Atos dos Apóstolos (21,38), na obra de Josefo (279,3s) e também em Hipólito (281,37s) e Orígenes (282,2s), sendo que os dois primeiros acontecem ainda no primeiro século após Cristo e os outros no terceiro século<sup>4</sup>. No entanto os “*sicários*” não podem ser historicamente reconhecidos como grupo constituído antes da revolta judaica contra o Império Romano, que acabou com a completa e definitiva destruição do Templo (como tinha predito Jesus) em 70 d.C. Neste contexto, João de Giscala (no norte da Galiléia onde depois foi escrito o Evangelho Segundo São Mateus) dirigiu um grupo que Josefo, nos seus relatos chama de “*sicários*”. Este grupo teria matado algumas lideranças zelotas suspeitas de buscar algum tipo de acordo com as autoridades romanas e também teria motivado a fuga da comunidade cristã de Jerusalém para o leste do Jordão<sup>5</sup>.

Estes dados apontam para a possibilidade de que o sobrenome “*Iscariotes*” tenha sido colocado posteriormente em Judas, comparando-o com a atividade do grupo de João de Giscala. O título mais antigo para Judas teria sido apenas de “o

<sup>3</sup>Há quem acredite (como afirma o comentário da Tradução Ecumênica da Bíblia, TEB; em Mc 3,19) que “*Iscariot*” seria o sobrenome do Pai de Judas. Neste caso seria “*Ben Iscariot*” (em hebraico) ou “*Bar Iscariot*” (em Aramaico). Outro discípulo que recebe título é Simão, o Zelote, que na verdade seria “*O Cananéu*”. Além disso, o Evangelho Segundo São João (mesmo que tardio) chama Judas de “*filho de Simão*” (cf. Jo 13,2).

<sup>4</sup>Gerhard FRIEDICH – *Theological Dictionary of New Testament*, p.278-279.

<sup>5</sup>Christiane Saulnier e Bernard Rolland – *A Palestina no Tempo de Jesus*, p.91-92.



*traidor*” (em grego “*paradidous*”, cf. Mt 25,46.48; 27,3; Mc 14,42.44; Lc 22,48; Jo 18,2.5; 21,20 e At 22,4). O sobrenome “*Iscariotes*” indicaria então a leitura que as primeiras comunidades cristãs (que escreveram os Evangelhos) fizeram da figura de Judas. Ele não foi visto apenas como um “*traidor*” nem um “*endemoninhado*”<sup>6</sup>, mas um conspirador premeditado e calculista como depois iria ser o grupo dos sicários. Este Judas está mais próximo ao desenhado em filmes como “Jesus Cristo Super Star” (mesmo sendo claramente alegórico) e “A última Tentação de Cristo”. Também estaria mais de acordo como a percepção dos Evangelhos que afirmam que: “*desde então buscava o melhor momento para entregar Jesus*” (Mt 26,16; Mc 14,11b; Lc 22,6).

O que teria então levado Judas a se arrepender, devolver as moedas e suicidar? No filme “Passion” a possessão demoníaca (apresentada num formato esquizofrênico de crianças que o perseguem) leva finalmente ao suicídio de Judas. No entanto, os Evangelhos tem versões diferentes para essa questão. Marcos (Evangelho mais antigo escrito por volta do ano 70 d.C. na comunidade cristã de Roma) e Lucas (escrito entre Antioquia e Ásia Menor, atual Turquia, por volta de 90 d.C.) nada dizem sobre o destino de Judas depois da traição. Para as comunidades de Marcos e de Lucas (ainda no século primeiro), não era importante rebaixar o traidor através de uma morte degradante. Para a comunidade de Mateus (cujo Evangelho surge na Galiléia e Síria por volta de 80 d.C.) formada por sobreviventes diretos do desastre causado pela fracassada revolta judaica contra os romanos era importante falar sobre a sorte dos traidores (como os “*sicários*”). Segundo Mateus 27,3 Judas se “*arrependeu*”<sup>7</sup> (em grego *metameleteis*: lastimar, arrepender-se, desejar que algo seja desfeito)<sup>8</sup>. As próprias traduções do Novo Testamento tendem a exagerar um pouco esta expressão como a TEB que diz “*assaltado de remorsos*”. Enfim, o arrependimento de Judas é o que a comunidade de Mateus gostaria de ter ouvido de algumas lideranças da revolta judaica contra Roma. Judas e Pilatos serão as pessoas em cujas bocas a comunidade de Mateus proclamará a inocência de Jesus (“*sangue inocente*”; cf. 27,4 e 27,24). Lucas colocará a proclamação da inocência de Jesus na boca do “*bom ladrão*”, crucificado junto a Jesus (cf. Lc 23,40-42) o que também só acontece neste Evangelho.

A diferença do que apresenta o filme quanto ao arrependimento e suicídio de Judas não tem tanta importância nos relatos da paixão de Cristo nos Evangelhos. Mesmo no caso de Mateus, onde esta questão é trabalhada à luz da revolta judaica contra Roma em 70 d.C., a seqüência entre arrependimento, declaração de inocência, devolução do dinheiro e suicídio é muito rápida ocupando ao todo três versículos, sem rebuscadas explicações “*sobrenaturais*” para o fato. O Judas “arrependido” que é um dos fios condutores do filme de Gibson ocupa nos quatro evangelhos, apenas três versículos.

<sup>6</sup> O único Evangelho que atribui a Judas uma possessão demoníaca é Lucas que também menciona um pagamento em dinheiro sem definir a quantidade (22,3) somente Mateus menciona as trinta moedas (26,15b). Portanto para o Evangelho mais antigo não houve motivação nem econômica nem possessão diabólica mas o compara mesmo assim com os “*sicários*” usando o título “*isacriotes*”.

<sup>7</sup> Wolfgang TRILLING – *o Evangelho Segundo São Mateus (2ª parte)*, p. 306.

<sup>8</sup> Fritz REINECKER e Cleon ROGERS – *Chave Lingüística do Novo Testamento*, p.60.



### Jesus no Monte das Oliveiras

Jesus retira-se, após a ceia pascal, para um jardim fora das muralhas de Jerusalém. O filme "Passion" dedica algumas das primeiras cenas a este momento. No filme distinguem-se quatro tipos de cenas: Jesus sozinho orando angustiadamente; Jesus com os discípulos conclamando-os a se manterem vigilantes; Jesus com uma figura aparentemente andrógina que representa "satanás" e a prisão propriamente dita.

Os Evangelhos apontam unanimemente para o episódio no jardim do Getsêmani (Mt 26,36-56; Mc 14,32-52; Lc 22,39-53 e Jo 18,1-12). Marcos indica que Jesus levou consigo para orar apenas alguns discípulos (Pedro, Tiago e João), aos quais confessou estar em estado de: "*angústia*" (cf. Mc 14,33b). Mateus aumenta um pouco mais o dramatismo acrescentando: "*minha alma está triste, a ponto de morrer*" (cf. TEB). Lucas não coloca a confissão, mas diz que Jesus estava: "*tomado de angústia*" (Lc 22,44a). Nenhum dos Evangelhos menciona, no entanto, a presença de Satanás (seja qual for sua imagem) junto a Jesus nesse momento. A única possível menção ao "mal" não está junto a Jesus, mas junto aos discípulos, quando Jesus lhes diz: "*orai para que não caiais em tentação*" (Mt 26,41; Mc 14,38 e Lc 22,40). Mas que "*tentação*" seria essa? Apelar para violência tentando defender Jesus com a espada (cf. Mt 26,51; Mc 14,47; Lc 22,49-50)? Talvez esta seja a melhor interpretação do termo "*tentação*" pois Jesus não queria dar motivos para uma guerra: "*...pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão*" (cf. Mt 26,52b; Almeida).

Só o Evangelho segundo Lucas é que fala de uma presença sobrenatural junto a Jesus no Monte das Oliveiras e é também o único a falar no suor que tornou-se "*como coágulos de sangue que caem sobre a terra*" (cf. Lc 22,44b). No entanto, contrariamente ao apresentado na cena do filme de Gibson, a presença mencionada por Lucas não é a de Satanás (aumentando ainda mais a angústia de Jesus) e sim de "*um anjo que o fortificava*" (cf. Lc 22,43; mesmo que em vários manuscritos tanto o anjo quanto o suor de sangue sejam omitidos). O único enfrentamento direto com Satanás apresentado pelos Evangelhos se dá nos quarenta dias de jejum no deserto, quando Jesus rejeita as ofertas de satisfação pessoal, segurança, riqueza e poder (cf. Mt 4,1-11; Mc 1,12-13 e Lc 4,1-13).

Outro problema da presença satânica que aqui é apresentada é sua simbologia. Parece um ser andrógino mas, salvo pela voz, as outras características são femininas. Some-se a isso a serpente que nos remete para Gn 3,1 em diante. Essa passagem de Gênesis serviu, e ainda serve, para a doutrina do "*pecado original*", usada especialmente contra as mulheres. Mesmo que toda a humanidade seja culpada pela queda do paraíso, em geral as interpretações apontaram para a "*fraqueza*" moral da mulher, que não conseguiu seguir o mandamento e ainda "*incitou*" seu marido a segui-la no pecado. Desta fonte se alimenta todo o imaginário das "*bruxas*" como



aliadas do mal, quando não, suas próprias representantes. O filme de Gibson, seguindo sua tendência conservadora, apela para este questionável imaginário.

### **Maria a “mãe” e Maria Madalena**

O papel das mulheres na paixão, especialmente de Maria Madalena, recebe mais destaque no filme “Passion” do que nos Evangelhos. No entanto, a forma como é tratada a figura de Maria (exaltada no seu amor e sofrimento) e Maria Madalena (companheira fiel, quase uma secretária da Mãe de Jesus) não condiz totalmente com o que se lê no testemunho das primeiras comunidades cristãs.

Maria Madalena é uma figura polêmica desde os primeiros tempos do cristianismo. Essa mulher nunca foi uma secretária ou acompanhante de Maria (mãe de Jesus). Sua liderança foi tal que um dos Evangelhos apócrifos é atribuído a ela<sup>9</sup>. Nesse Evangelho, Maria Madalena envia os demais discípulos para evangelizar as pessoas não judias (o que o Novo Testamento atribui à uma iniciativa do apóstolo Paulo). Esse Evangelho aparece em língua copta (da comunidade cristã do Egito) e pode ser do século 5º depois de Cristo. Também há outro texto em grego, muito mais antigo, possivelmente do segundo século depois de Cristo. Nesse evangelho, se estabelece uma discussão entre André, Pedro e Levi (Mateus) sobre a revelação que Jesus teria transmitido exclusivamente a Maria Madalena. Pedro então diz: *“porventura ele falou a uma mulher, em vez de falar a nós e às claras?”*, ao que Levi reage dizendo: *“...vejo que te voltas contra esta mulher, como se fosse inimiga”*<sup>10</sup>.

Maria Madalena tem uma participação maior na paixão e ressurreição de Jesus do qualquer outra mulher. Marcos 15,40 diz o seguinte sobre as pessoas presentes no momento em que Jesus expirou: *“estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé”* (Almeida). A primeira a ser mencionada é Maria Madalena (a líder); depois dela vêm a mãe de Tiago e José (esposa de Zebedeu cf. Mt 27,56) e, finalmente, Salomé. A mãe de Jesus não é mencionada, podendo estar incluída anonimamente no grupo maior. Se ela fosse tão importante (como aparece no filme de Gibson) por quê não teria destaque com as outras mulheres mencionadas? Somente no Evangelho menos histórico e mais tardio do Novo Testamento se diz: *“e junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena”* (João 19:25). Segundo este relato, a pessoa mais próxima a Maria (mãe de Jesus) seria uma anônima irmã ou prima dela<sup>11</sup> e não Madalena. Então a relação íntima entre Maria (mãe de Jesus) e Maria Madalena não tem base nos Evangelhos que apresentam Maria Madalena sempre com um protagonismo maior.

<sup>9</sup>Lincoln RAMOS – *Fragmentos dos Evangelhos Apócrifos*, p.139.

<sup>10</sup>Idem, p.142.

<sup>11</sup>A palavra *“adelfé”* em grego pode significar tanto irmã quanto prima irmã.



No filme de Gibson, há visões do passado onde Maria Madalena é identificada com a *"mulher adúltera"* salva por Jesus (cf. Jo 8,3-11). Os filmes "Jesus Cristo Super Star" e "A última Tentação de Cristo" identificam Madalena com duas prostitutas: a da casa do fariseu Simão (cf. Lc 7,36-50) ou a da unção em Betânia (cf. Mc 14,3). No entanto, identificar Maria Madalena com a mulher adúltera perdoada ou uma das prostitutas "resgatadas" é aleatório. A única informação sobre Maria Madalena aparece no Evangelho segundo Lucas que diz que dela Jesus tinha expulsado sete demônios (Lc 8,3).

O filme de Gibson não esconde sua intenção católico-romana de exaltar a figura de Maria acima de todas as outras mulheres, o tempo todo. Algo que chama a atenção é o uso constante do título de "mãe", atribuído permanentemente a Maria, sendo ela assim chamada por todos os discípulos e discípulas. No entanto, nos Evangelhos, nem mesmo Jesus chama Maria de "mãe". No diálogo entre Jesus e Maria nas Bodas de Cana, Jesus se dirige a sua mãe dizendo: *"mulher, que tenho eu contigo?"* (Jo 2,4a). Ao pé da Cruz, segundo também relata exclusivamente o Evangelho segundo João, Jesus se dirige a Maria e João com as seguintes palavras: *"mulher, eis aí teu filho"* (Jo 19,26). Essa última citação aparece no filme, onde todos os discípulos chamam Maria de "mãe" mas Jesus a chama de "mulher". No único texto em que Jesus é questionado sobre a solicitação da sua mãe, ele responde: *"quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos"* (Mt 12,48-49).

### **As crianças**

As crianças como demônios, perseguindo Judas durante toda a noite, merecem uma menção especial. O imaginário de satanás com rosto de mulher nasce da leitura androcêntrica de Gn 3, como foi analisado anteriormente. Mas de onde sairia a idéia de demônios como crianças? O olho virado de uma das primeiras duas crianças e sua atitude violenta para com Judas, mostram não se tratar de anjos, ou de anjos do bem. O único paralelo de crianças infernizando a vida de alguém está num texto simbólico, vinculado ao profeta Elias, em Betel (2 Rs 2,23-24). Nos Evangelhos as crianças simbolizam o mais perfeito seguimento de Jesus (Mt 18,3 e 19,13) e nunca forças vingativas ou malignas.

### **Pedro, João e os demais discípulos**

O filme não consegue desenhar com clareza o relacionamento entre os discípulos. A liderança de Pedro se dá porque ele sempre está tomando a iniciativa, mas ao final do filme, é João quem acompanha Maria, preparando a cena ao pé da Cruz.



Os discípulos são apresentados por primeira vez no Monte das Oliveiras. No filme, há um grande tumulto e ninguém ataca diretamente Judas, o traidor (e verdadeiro culpado pela prisão de Jesus), mas acontece quase que uma batalha entre os discípulos e os guardas do Sinédrio (soldados do Templo de Jerusalém). A espada é retirada de Pedro à força, não por vontade própria; o servo mutilado é curado e experimenta a conversão.

O Evangelho segundo Marcos apresenta o ataque com a espada como uma reação rápida e espontânea à prisão de Jesus: *"um dos que lá estavam puxou a espada, feriu o servo do Sumo Sacerdote e lhe decepou a orelha"* (Mc 14,47; TEB). No mesmo Evangelho, Jesus não recoloca a orelha, mas reage pacificamente perguntando: *"saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpram as Escrituras"* (Marcos 14,48-49; Almeida).

Lucas enfeita um pouco mais a cena, começando por uma reação de Jesus contra Judas: *"Judas, com um beijo traís o Filho do Homem?"* (Lc 22,48). Lucas não diz quem foi que tirou a espada e decepou a orelha do servo, mas afirma que Jesus *"tocando-lhe a orelha o curou"* (Lc 22,51). Mateus acrescenta um pouco mais de dramatismo, mas ainda não diz quem puxou a espada (Mt 26,51). As traduções variam sobre a interpretação da frase dita por Jesus nesse momento. Para Almeida seria: *"Amigo, para que vieste?"* (Mt 26,50). Para TEB seria: *"Meu amigo, faze a tua obra!"*. A primeira mostra uma certa surpresa de Jesus com a traição e até misericórdia ao dizer: *"amigo"*. Mateus quer mostrar que Jesus está com a situação sob controle. Essa idéia é reforçada com o pequeno discurso final de Jesus: *"acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?"* (Mateus 26:53-54; Almeida).

Finalmente, temos a forma como o Evangelho segundo São João trata o assunto. Aqui os que prendem Jesus não são chamados de *"bando"* ou *"turba"* como em Marcos (14,43b; Mt 26,47 e Lc 22,47), mas de *"escolta de guardas"* ou de *"milícia"* (cf. Jo 18,1; o termo é *"speira"* que designava uma tropa romana ou judaica completa de até mil homens). Neste caso trata-se de um exagero posterior. João concorda com Mateus, ao afirmar que Jesus *"sabia tudo o que ia acontecer"*. Neste texto Jesus não espera ser beijado e ante a inquirição dos guardas sobre *"Jesus, o Nazareno"* ele responde: *"Sou eu"* (cf. Jo 18,6), seguindo assim o estilo do quarto Evangelho, onde Jesus sempre se auto-apresenta (cf. Jo 6,35, 41.48.51; 8,12.24.28.58; 10,7.9.11.14.25; 13,19; 14,6; 15,1.5; entre outros). A voz de Jesus produz um efeito mágico de queda dos guardas, que ficam atordoados, num claro estilo gnóstico de exaltação da superioridade espiritual de Jesus (Jo 18,7). Enfim, neste Evangelho, inexistente o beijo de Judas! O que puxa a espada é Pedro, mas Jesus não cura o criado.



Portanto, todo o protagonismo de Pedro no episódio da prisão é mais do que exagerado no filme de Gibson, assim como a conversão do servo ferido-curado.

João é identificado com o discípulo jovem que escapa nu. Os Evangelhos mais antigos (Marcos e Mateus) terminam o relato da prisão com a frase: *“todos os discípulos o abandonaram e fugiram”* (Mt 26,56b; Mc 14,50). Marcos é quem relata a cena pitoresca do jovem fugindo nu, sem querer com isso aludir a um ou outro discípulo (Mc 14,51). A fuga em massa dos discípulos (salvo por Pedro que passou a seguir Jesus de longe; cf. Mc 14,54; Mt 26,58 e Lc 22,54) contrasta com o filme de Gibson, onde os discípulos estão todos muito próximos, no meio de um tumulto, na volta de Jesus. Maria Madalena chega a apelar para um oficial romano, para que tome uma atitude e impeça a prisão de Jesus.

Para os Evangelhos, a prisão de Jesus foi na calada da noite, justamente para não chamar a atenção de ninguém e evitar tumultos. A preocupação com os possíveis tumultos que podiam se ocasionar pela prisão de Jesus é explicitada em alguns trechos dos Evangelhos (Mt 26,5; Mc 14,2), especialmente em Lucas 22,6: *“Judas concordou e buscava uma boa ocasião de lho entregar sem tumulto”*. Gibson parece ter se esquecido completamente deste item.

Na verdade, além das autoridades que o prenderam, não havia muita gente à volta de Jesus. Pedro o segue de longe e depois dele entrar na casa do Sumo Sacerdote, onde funcionava a Corte chamada Sinédrio, fica no pátio junto ao fogo feito pelos guardas para se aquecer (cf. Mc 14,54; Lc 22,55); só Mateus não menciona o fogo, mas fala que Pedro ficou *“junto aos servos”*, isto é, no pátio (cf. 26,69a); ele podia ver o que estava acontecendo dentro, mas quieto, quase que de incógnito, e não no meio da reunião do Sinédrio, como imaginou Gibson. Não há aqui nenhum tumulto mas uma cena solitária que lembra a imagem usada por Lucas (o mesmo autor do Evangelho) no Livro de Atos dos Apóstolos citando Isaías (53,7): *“foi levado como ovelha ao matadouro; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador”* (At 8,32). Pedro nega Jesus quando é descoberto no meio dos criados do Sumo Sacerdote por uma criada (Mc 14,66-67; Mt 26,69b e Lc 22,56).

A figura de João é totalmente secundária, salvo por ser o secretário de Maria nas cenas finais a quem chama permanentemente de “mãe”, parecendo tê-la adotado mesmo antes de Jesus formalizar o fato ao pé da Cruz.

### **As autoridades judaicas de Jerusalém**

O filme começa identificando visualmente as autoridades judaicas de Jerusalém. Quem eram eles? Os Evangelhos os definem de diferentes formas. Marcos, no episódio da prisão, diz que os algozes vinham mandados por: *“principais (ou sumos) sacerdotes, escribas e anciãos”* (cf. Mc 14,43). Mateus retira os *“escribas”* e acusa apenas os sumos sacerdotes e anciãos do povo (Mt 26,47). Lucas diz que no ato da



prisão estavam lá: "*principais (sumos) sacerdotes, capitães (guardas) do Templo e anciãos*" acrescentando uma nova categoria. João vai acusar os sumos sacerdotes e os fariseus (não mencionados nos outros evangelhos). No entanto, entre as autoridades, havia pessoas que concordavam com Jesus, dentre as quais os Evangelhos destacam duas: Nicodemos e José de Arimatéia. José de Arimatéia era membro do Sinédrio (cf. Mc 15,43; Lc 23,50). Segundo Lucas ele "*não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros*" (Lc 23,51a). João é ainda mais direto dizendo: "*José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus*" (Jo 19:38a). Neste último caso vemos que o termo "*judeus*" era usado de forma geral para os que eram naturais da Judéia (cuja capital era Jerusalém), à diferença de Galileus, Samaritanos e outros e, restritamente, para as autoridades de Jerusalém, não para todas as pessoas que praticavam o judaísmo (o qual incluiria José de Arimatéia, Jesus e todos/as seus discípulos/as).

O que motivara as autoridades judaicas de Jerusalém a serem contra Jesus? Essa uma pergunta que as comunidades cristãs primitivas também se fizeram. A razão básica da perseguição contra Jesus seria um receio duplo: a perda de credibilidade das autoridades de Jerusalém (escribas, fariseus, sumos sacerdotes e anciãos) perante o povo, e o medo de uma nova revolta de Galileus contra as autoridades romanas, como já tinha acontecido com Judas Galileu (At 5,37).

A ameaça que Jesus representava à autoridade político-religiosa de escribas, fariseus e sacerdotes fica evidente nos relatos dos milagres e curas. Marcos, Mateus e Lucas, ao relatar a cura de um paraplégico em Cafarnaum (cidade da Galiléia) dizem que lá estavam fariseus e sacerdotes até de Jerusalém (Lc 5,17) e, diante deles Jesus teria dito que fazia aquilo: "*para que saibais que o Filho da humanidade tem sobre a terra autoridade para perdoar os pecados...*" (Mc 2,10a; Mt 9,6a e Lc 5,24a e também Mc 11,27-33; Mt 21,23-27 e Lc 20,1-8). Se uma pessoa perdoava de graça a qualquer um, sem mediação do sacrifício em Jerusalém, isso era o fim de todo o poder político, econômico e religioso dos que mandavam no Templo de Jerusalém.

Sobre o medo de um motim contra as autoridades romanas, que afetasse todo o *establishment* de Jerusalém, a preocupação aparece explicitada no Evangelho segundo São João (do ano 100 d.C.), segundo o qual Caifás teria argumentado a favor da morte de Jesus dizendo: "*vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação... desde aquele dia resolveram matá-lo*" (Jo 11, 50b.53 e 19,14). Mesmo não estando explícito este argumento nos Evangelhos mais antigos, o medo ao tumulto está presente, permanentemente, nas ações das autoridades de Jerusalém (Mc 11,18).

No filme, as motivações parecem ser exclusivamente por controvérsias religiosas (blasfêmia e heresia). Saduceus e Fariseus também tinham controvérsias sobre a ressurreição, mas concordavam no que se referia ao Templo de Jerusalém. Quando Jesus derrubou as mesas dos que usavam o Templo para o comércio (Mc 11,15-17; Mt 21,12-17; Lc 19,45-48 e Jo 2,13-22) e quando desvalorizou o pagamento do imposto para o Templo (Mt 17,24-27) estava atentando do ponto de



vista religioso, político e econômico contra as autoridades judaicas de Jerusalém, chamadas de forma genérica de "judeus".

Falar das autoridades de Jerusalém como "os judeus" é mais comum quanto mais tardio é o Evangelho. Marcos e Mateus mencionam só quatro vezes o termo "judeus" para falar exclusivamente do próprio Jesus como: "Rei dos Judeus" (cf. Mc 15,2.9.12.18.26 e Mt 2,2; 27,11.37). Lucas menciona o termo cinco vezes; três delas do mesmo que Marcos e Mateus (cf. Lc 23,3.37.38) e apenas duas vezes para mencionar autoridades de Jerusalém (cf. Lc 7,3 "anciãos dos judeus" e 23,51 para José de Arimatéia como "rico entre os judeus"). O contraste é enorme em relação ao Evangelho segundo São João, onde o termo é usado 23 vezes! Algumas vezes se refere às festas e rituais "dos judeus" (cf. 2,6.13; 5,1; 6,4; 7,2; 11,55; 19,42). Há momentos em que esse Evangelho fala dos judeus que acreditaram em Jesus (cf. Jo 11,19.45 e 12,9) enquanto outros denunciam Jesus perante as autoridades (cf. Jo 11,46 e 12,10). Finalmente o termo "judeus" é usado para falar das autoridades de Jerusalém, temidas pelos discípulos (cf. Jo cf. 7,13; 19,38 e 20,19) que como Jesus, também eram judeus do ponto de vista religioso (cf. Jo 4,22). Enfim, o Evangelho segundo João é o maior responsável pelo uso do termo "judeus", possivelmente devido ao fato de que as comunidades do ano 100 d.C. já não se sentiam "judeus" e sim "cristãos" (como esclarece Atos dos Apóstolos 12,26b). No entanto, não se pode dizer por isso que o Evangelho segundo São João seja "anti-semita" pois Jesus é visto como um judeu, há judeus seguindo e acreditando nele assim como outros judeus perseguindo-o e buscando como matá-lo.

No filme, esse equilíbrio é quebrado em vários aspectos. Jesus não é claramente mostrado como um judeu, assim como seus discípulos e discípulas. Além das autoridades de Jerusalém o povo todo (judaico) é apresentado numa atitude extremamente hostil para com Jesus sem mostrar divisões internas. No julgamento no Sinédrio uma das autoridades discorda e se retira mas de forma muito rápida e quase imperceptível. Simão de Cirene (cf. Mc 15,21; Mt 27,32; Lc 23,26) também se diz judeu e discorda com o tratamento dado a Jesus (num discurso inexistente nos Evangelhos). José de Arimatéia, que aparece no momento de retirar Jesus da Cruz, não é nem sequer identificado quando, neste caso, os Evangelhos o apresentam como um judeu rico, com cargo de autoridade e seguidor de Jesus.

### **As autoridades romanas na Palestina da época de Jesus**

O termo "Palestina" para todo o território de Israel no século I d.C. é totalmente correto (sem carregar conotações anti-israelitas). O nome "Palestina" foi cunhado pelos romanos e significa: "Terra dos Filisteus". Na verdade os romanos, como povo do litoral mediterrâneo, que eles chamavam "Mare Nostrum" ("nosso mar"), conheceram os filisteus muito antes e muito mais intensamente do que aos israelitas. Os filisteus singravam o Mediterrâneo desde antes da formação do Estado Israelita e tinham relações comerciais com todos os povos do seu litoral.



Os romanos começaram a ter domínio direto sobre a Palestina desde aproximadamente 63 a.C. Eles cooptaram as autoridades religiosas de Jerusalém respeitando o Templo. Os anos entre 63 e 37 a.C. foram de grande instabilidade tanto para Roma e suas lutas internas de poder (César, Pompeu e Antônio) quanto para a Palestina, entre os Sumos Sacerdotes e Herodes. Finalmente, em 37 a.C., Herodes se consolida como o grande herói de Roma na pacificação da Palestina e passa a reinar absoluto em nome do César sobre todo o território. Em 4 a.C. Herodes (chamado "O Grande") morre. O reinado desse rei suscitou diversas revoltas, especialmente pela opressão econômica sobre o povo, que pagou com impostos o luxo da corte e uma quantidade de obras públicas muito maior do que as da época de Salomão. A divisão da Palestina em partes e o perigo constante de rebeliões levaram Roma a nomear um Procurador em 6 d.C. nomeando a Judéia "*província procuratorial*". Valeiro Grato (procurador entre 15 e 26 d.C.) destitui Anás e nomeia Caifás (18 – 36 d.C.). Pôncio Pilatos é nomeado procurador em 26 e seguirá nesse cargo até 35. Em 35, Vitélio (procurador da Síria) retirou Caifás e colocou Jônatas (filho de Anás) no seu lugar. Vitélio substituiu novamente o Sumo Sacerdote Jônatas no ano seguinte por Teófilo (seu irmão) que ficou no cargo até 41d.C. Pilatos foi mandando por Vitélio para Roma para "prestar contas" e morreu lá de morte violenta.

Como se vê, a relação entre as autoridades romanas e judaicas era muito próxima. As autoridades do Templo eram nomeadas pelos romanos e oscilavam conforme oscilava o poder em Roma. As brigas de poder entre as autoridades do Templo também envolviam as autoridades romanas como vemos no caso de Anás e Caifás.

O que relatam os Evangelhos parece indicar que a fama de Jesus ainda não tinha chegado aos ouvidos das autoridades romanas, mais preocupadas com os bandos armados de salteadores (ao quais parece pertencer Barrabás). Pilatos, conforme relata Lucas, não era nenhum "*inocente*" mas um repressor capaz de assassinar qualquer um que se colocasse contra os interesses de Roma e seus aliados: "*falavam a Jesus a respeito dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam*" (Lucas 13:1).

O filme de Gibson apresenta Pilatos permanentemente assessorado pela sua esposa Claudia, no que se refere a Jesus. O único texto dos evangelhos que menciona o fato de Jesus ter tido a colaboração de mulheres ricas está em Lc 8,3 onde são mencionadas Joana (esposa de Cuza, administrador de Herodes), Suzana e outras. Veja-se que a primeira está vinculada a Herodes e não a Pilatos e a segunda tem nome claramente hebraico e não grego ou romano. A participação da mulher de Pilatos aparece em Mt 27:19, recomendando ao seu marido: "*não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito*" (Mateus 27:19). Não há, nos Evangelhos, nenhum sinal claro de que a esposa de Pilatos tivesse qualquer relação de proximidade com Jesus ou seus discípulos e discípulas. Há muitas mais evidências de que mulheres ricas da corte de Herodes estivessem vinculadas a Jesus.



Portanto no filme de Gibson se exagera muito a participação de Claudia e se esquece quase que totalmente o apoio de outras mulheres além de Maria e Maria Madalena.

Enfim o filme "Passion" desequilibra totalmente as relações de poder que presentes na prisão, condenação e morte de Jesus. A tentação de Gibson, presente também em muitos outros filmes sobre a vida ou paixão de Cristo, é cair no maniqueísmo do bem contra o mal. Nos Evangelhos o bem e o mal são apresentados de uma forma muito mais humana e complexa. As autoridades romanas participam da morte de Jesus movidas pela total desvalorização da vida humana, uma prática bastante comum no Império Romano. As únicas pessoas consideradas dignas de um julgamento justo eram os cidadãos romanos, como se relata no caso do apóstolo Paulo (At 22,25-28).

### **O uso do aramaico e do latim**

O uso do aramaico no filme "Passion" é uma forma interessante de aproximação, assim como o tipo físico escolhido para seus personagens que tenta ser mais próximos ao que o povo imaginaria por "semitas" do que por "europeus" (mas ainda de forma tímida). No entanto, nada se fala sobre o uso do grego. Mesmo estando sob o domínio romano este império não conseguiu (na Ásia Menor e Palestina) eliminar o uso nem do aramaico (presente mais fortemente desde o domínio Persa 538 – 333 a.C.) nem do grego (presente mais fortemente desde o domínio grego 333 – 63 a.C.). A Palestina, principalmente "Decápolis" (Dez Cidades) no norte e também a Galiléia, era altamente helenizada. O Antigo Testamento citado no Novo Testamento é sempre na versão grega chamada Septuaginta (originada na Alexandria entre 200 e 100 a.C.). O Novo Testamento será quase totalmente escrito em grego (sem excluir a possibilidades de versões originais em hebraico e aramaico). No entanto, não há nenhuma evidência de qualquer escrito cristão em latim no século primeiro.

É muito mais provável que Jesus falasse algo de grego do que latim. No entanto, é ainda mais provável que ele falasse exclusivamente aramaico (para comunicar-se com o povo) e algo de hebraico (permitindo a leitura das escrituras judaicas). Portanto também neste item, onde o filme faz um esforço de aproximação histórica e cultural, é superficial e questionável.

### **O Filme, os Evangelhos e os comentários**

Em resumo, o filme "Passion" não reflete, mesmo que pareça ter essa intenção, os eventos testemunhados pelas primeiras comunidades sobre a paixão de Jesus de Nazaré. Nem mesmo reflete qualquer pesquisa histórica séria sobre o contexto social, político, econômico ou cultural.



Trata-se mais de uma versão dogmática conservadora da paixão que é enfeitada com elementos históricos e culturais buscando dar credibilidade a esse imaginário tradicional. Os comentários positivos sobre o filme mostram que há pessoas que se identificam melhor com um Cristo “celebridade” que morre com extrema violência do que com um líder pacifista e pouco conhecido que sofre o mesmo que muitos outros antes dele e depois dele. Há mais dificuldade em aceitar que Jesus, na sua época e para seus algozes romanos, não passou de mais um dos milhares de crucificados. É mais provável, do ponto de vista histórico, que a notoriedade da paixão de Jesus tenha sido conseguida mais tarde pelo testemunho aguerrido e constante de milhares de seguidores e mártires do que pelo impacto causado no momento da sua morte, como pretende mostrar o filme. A Cruz nos Evangelhos parece-se mais a uma semente pequena jogada na terra do que com uma bomba atômica. Mesmo que a Cruz seja acompanhada por alguns sinais (como o rasgar do véu do tabernáculo que guardava a arca no Templo e as trevas) eles não racharam o Templo ao meio e judaísmo continuou tranqüilamente a viver sua fé. Os primeiros cristãos freqüentavam assiduamente o Templo de Jerusalém seguindo as leis do judaísmo (At 2,46; 3,1; 5,20.42).

O anti-semitismo do qual “Passion” e Gibson são acusados não parece acontecer de forma intencional. O que há, como mostramos no comentário sobre as autoridades judaicas e romanas, é um tratamento quase apolítico da paixão que, na sua miopia, esquece o que foi o Império Romano na Palestina, seus massacres e a derradeira destruição do Templo em 70 d.C. O desequilíbrio deste tratamento sobrecarrega as tintas nas autoridades judaicas e absolve de forma exagerada as autoridades romanas. Na verdade, todas as autoridades da época entravam na classificação usada pelas primeiras comunidades segundo as quais Jesus teria dito: *“sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva”* (Marcos 10,42-43). Enfim, a paixão de Jesus denuncia a forma como todas as autoridades religiosas e políticas exerciam o poder e mostra que não se podia ter nenhuma esperança numa salvação vinda delas. A proposta de Cristo, através da Cruz, é de um novo poder, o poder de verdade e justiça que se constrói através do amar e do servir.

Ainda caberiam outras observações pois comentar um filme sobre a Paixão de Cristo requer revisar uma grande quantidade de dados documentais e históricos. O grande mérito deste filme é chamar a atenção de muita gente.

As incongruências entre o filme de Gibson, os textos dos Evangelhos e as possibilidades históricas, não são maiores que em muitos outros filmes do gênero. De fato não podemos esperar que um filme reproduza toda a pesquisa bíblica e histórica sobre Jesus, sem contar as inúmeras discordâncias religiosas ao respeito. O importante é que despertou novamente o interesse e a identificação popular em relação a essa figura que tanto marcou a história da civilização ocidental.



---

O filme de Gibson também serve para evidenciar a distância que sempre existiu entre a forma como a civilização ocidental mostrou Jesus Cristo (usando sua imagem crucificada para justificar até a morte e exploração de pessoas inocentes) e o que foi Jesus (um perseguido da sua época). Por isso Jesus Cristo é e sempre será um sinal de contradição, um positivo e desafiador sinal de contradição.